

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

TÍTULO: UM LUGAR DE REPRESENTAÇÃO DO SABER

Juciele Pereira Dias
jucieledias@yahoo.com.br
Doutorando

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

O trabalho proposto para o presente evento encontra-se em um espaço de entremeio, constituído por resultados de nossa dissertação de mestrado intitulada *O lugar e o funcionamento do Título pela obra de Mattoso Câmara* (2009), bem como nossa proposta é movimentada por nosso atual projeto de tese *A escolarização da gramática da Língua Portuguesa no/do Brasil: por uma relação entre instituições e saberes linguísticos em circulação* (2009). Tratar da questão do Título voltada para uma leitura sobre a historicização de instrumentos linguísticos direcionados ao ensino de um saber linguístico (saber a língua ou saber sobre a língua) é nosso objetivo no momento. Para isso, tomando como suporte teórico a Análise de Discurso Brasileira e a História das Idéias Linguísticas, salientamos que, ao propormos “Título: um lugar de representação do saber”, fazemos uma distinção metodológica entre Título e título. Este é tratado como um dispositivo de reflexão. Já aquele é tratado como um lugar com funcionamento discursivo na/pela obra de um autor. Um lugar com a possibilidade de ser (re)formulado a partir de determinadas condições de produção. Dizemos ser uma distinção metodológica não no sentido de que Título/título sejam diferentes, mas sim por uma distinção estabelecida em nossa leitura entre o título de um senso comum, de um sentido institucionalizado como sendo o “nome” de um texto em contraposição com o Título, dispositivo de nossa reflexão, como um lugar de representação do saber. Buscando desenvolver brevemente essa distinção, realizamos uma breve reflexão a partir da definição de título posta no dicionário **Latino-Português** de Saraiva (**Novíssimo dicionário latino-portugues**, 2000):

1. Titulus, I, s.ap.m. LIV. OV. Inscrição. § OV. QUINT. MART. Título (d'um livro), sommario. § JUV. Rotolo (nas garrafas de vinho). § PROP. SUET. Escripto (pendurado ao pescoço d'um escravo, d'um condenado). § PLIN. J. Inscrição sepulcral, epitaphio. *Titulos sepulcri*. JUV. A. m. signif. § PLIN. J. Escripto para vender, para alugar. *Sub titulum ire*. PROP. – *millere*. OV. Ser posto à venda; pôr à venda. § *Fig.CIC*. PROP. HOR. Título de honra, de nobresa, de glória. *Titulus perpetrat belli*. LIV. Honra de ter acabado uma guerra. – *clementiae petebatur*. TAC. Era pretendida a honra da clemência. § PLIN. J. Pretexto. *Titulum pratendere*. LIV. Acobertar-se com um pretexto. *Ob titulos inanes*. HOR. Com vãos pretextos. *Titulo officii*. JUST. Como pretexto de cumprir um dever. § PLIN. PETR. Signal, indício, mostra, marca.

2. Titulus, i, s. pr. M. INSCR. Título sobrenome romano.

Na definição 1 de Titulus, observamos que um dos significados da palavra título é “inscrição”. Esta, segundo Rosa Lúcia Coimbra (**Estudo Linguístico dos Títulos de Imprensa em Portugal: A Linguagem Metafórica**, 1999, p.67), “designava a etiqueta [inscrição, marca] apensa à extremidade do bastão sobre o qual se desenrolava a banda de papiro que constituía o volume escrito, dispensando assim, o acto de o desenrolar para identificar o autor da obra ou seu assunto”. Outro significado constituinte de “inscrição” está relacionado ao escrito que segue pendurado ao pescoço de um escravo ou de um condenado. Sobre essa questão, Coimbra (1999, p.67), coloca que “o título surge assim, em primeiro lugar, como anúncio e rótulo”. Esses apontamentos referem-se a momentos que antecedem a constituição do título que tem como suporte um livro com capa em que temos a possibilidade de estarem presentes: o título (materialidade lingüística), o nome do autor, a editora, entre outros. Já quanto à definição 2 posta por Saraiva, temos Titulus pontuando a própria designação de título. Neste caso entendemos que, de acordo com Coimbra (1999, p.67), traz-se à cena o sentido de que “o título anuncia um outro texto (como é o caso dos títulos de imprensa, de romances, de poemas, etc.)”. Desse modo, o título é tomado como um texto, um texto que *apresenta* outro texto colocando-se como frontispício em relação a este outro. Na relação entre o título como um texto que *apresenta* outro texto, temos um estudo textual desse

objeto, tomado como uma materialidade que se relaciona com outra. Estaríamos tratando o título como algo que se fecha nele mesmo, de forma homogênea, estática, constituída por um efeito de unidade. Enquanto uma totalidade que se refere a um texto. Estaria como uma projeção ilusória isenta da exterioridade, do movimento da história, da possibilidade de uma reescritura. A relação do título/texto se apresenta ilusoriamente como sendo direta, o primeiro *apresenta* o segundo como um elemento acessório que o antecede. Em meio a essas observações de ordem empírica, temos como objetivo mobilizar o título não mais como título, mas como Título por uma perspectiva discursiva. Em nossa dissertação, tivemos como objeto de análise os títulos de três obras de Joaquim Mattoso Câmara, ambas reintituladas em diferentes momentos da história. Seriam elas:

1. **Elementos de Portuguez** (1935); **Elementos de Língua Pátria** (1936);
2. **Princípios de Lingüística Geral**: como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa (1941); **Princípios de Lingüística Geral**: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa (1954);
3. **Dicionário de Fatos Gramaticais** (1956); **Dicionário de Filologia e Gramática**: referente à língua portuguesa (1964); **Dicionário de Lingüística e Gramática**: referente à língua portuguesa (1977);

Pelo movimento de designações no reintitular do dicionário, trouxemos à baila um pouco sobre o percurso da institucionalização da Lingüística Brasileira associada ao percurso do linguista Mattoso Câmara que parte de um saber gramatical, passa por estudos filológicos, pela institucionalização da Lingüística. Em meio a isso observamos que, pela possibilidade da reintitulação, do movimento de designações, temos no espaço no Título um lugar constituído pela temporalidade, dinâmico, heterogêneo e afetado pelo imaginário do sujeito autor e do sujeito leitor. Tendo em vista que as obras trabalhadas tratam sobre/de o saber lingüístico e que temos também como suporte teórico-metodológico a História das Idéias Lingüísticas no Brasil, à luz das palavras de Orlandi (*O Estado, a Gramática, a Autoria - Língua e conhecimento lingüístico*, 2000), salientamos que contar a história do saber lingüístico, é uma forma de colocá-lo como objeto de reflexão para não apenas adotarmos gramáticas e dicionários, aplicarmos programas de ensino estabelecidos, mas para que possamos fazer nosso trabalho tendo como base não só a forma atual do saber, mas um pouco do percurso

desse saber que pode vir a alargar a nossa capacidade de reflexão lingüística. O lugar do Título é um lugar em que o sujeito se coloca no mundo, de acordo com Orlandi (2000.), remete a um lugar empírico enquanto que a tomada de posição pela reflexão sobre língua o constitui em sujeito ao mesmo tempo em que constitui um lugar discursivo. Esse lugar que tratamos, segundo Scherer (*Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar*, 2009), como não podendo ser entendido como algo pleno, com bordas delimitadas tão somente pelas ditas fronteiras e domínios, mas sim como um lugar que pode ser definido pela própria origem da palavra *discurso*, que “tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (ORLANDI, **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**, 2002). É um lugar (re)significado pelo sujeito. Um lugar de representação de um saber lingüístico, no qual tratamos representação, a partir da concepção de Lagazzi-Rodrigues (*O político na Lingüística: processos de representação, legitimação e institucionalização*, 2007), como sendo uma configuração imaginária atravessada por processos de identificação, dos quais, em nosso entendimento, são constitutivas as condições de produção, o imaginário do sujeito-autor e do sujeito-leitor. A relação representativa entre Título/texto, por esse viés, se daria em um espaço que buscamos designar como espaço *magnético*. O espaço *magnético* é um espaço potencial, em que temos a possibilidade tanto de uma aproximação do leitor em relação ao texto, quanto a de um afastamento. Um espaço de relação entre autor e leitor, espaço de forças que se fazem representar e que, ao se fazerem representar, significam. Um espaço de força ética funcionando não somente na constituição do lugar do Título como um possível lugar de leitura por um sujeito comum, um sujeito leitor como também para um sujeito leitor crítico. Ao refletirmos sobre um espaço *magnético* - associando a potencialidade desse espaço com a própria proposta de trabalhar o Título como um dispositivo de reflexão na leitura do arquivo em HIL - temos a força ética em funcionamento. No trabalho com o arquivo, segundo Orlandi (2000), “somos colocados na posição ambígua de falar da história do conhecimento sendo parte dessa história” e “parte interessada nessa/dessa história”. Isto, segundo Orlandi com base em Michel Pêcheux, nos coloca “numa posição ética e política, numa posição de responsabilidade: a de interpretar”. Interpretar tendo um suporte teórico-metodológico, um dispositivo que, segundo a autora (2000), possibilite fazer recortes que não só reforcem os processos de legitimação já instituídos, ou seja, os processos de inclusão/exclusão já instalados sobre a nossa história. Dessa forma, o trabalho com o Título, com letra maiúscula, situa-se tanto na perspectiva de reflexão como um possível dispositivo de reflexão em História das Idéias Lingüísticas pelo qual podemos observar como a língua é historicizada, é fluída e fluída por estar imersa na

temporalidade. Um espaço onde temos a possibilidade da reatitulação constituída a partir de posições-sujeito em relação ao saber. Tão logo ainda, pelo Título podemos abrir para uma reflexão sobre o trabalho sobre História das Idéias Lingüísticas observando o próprio modo de falar sobre a história, uma história da qual fazemos parte. Um modo que é constituído pela ética e política de línguas. Tais reflexões sobre em História das Idéias Lingüística e sobre História das Idéias Lingüísticas nos acompanharam ao longo de todo nosso percurso vindo desde a iniciação científica até o presente momento no doutorado. É constante nossa inquietação de ao mesmo tempo que buscar trabalhar com essa perspectiva teórico-metodológica voltarmos-nos constantemente para reflexões sobre o próprio modo como trabalhamos nessa perspectiva. Uma questão que entendemos ser constitutiva e necessária para aqueles que buscam “contar” a história do conhecimento lingüístico sendo parte e como coloca Orlandi (2000), parte interessada nessa/dessa história.